

O Trabalhador

ANO V Tip. União Gráfica R. de Santa Marta, 158 — Lisboa Director e Editor: Manuel da Anunciada Soares Propriedade da Empresa da Revista Renascença, L.^{da}
15 DE ABRIL DE 1939 Redacção e Administração: R. Copelo, 5 — 2.ª, Esq. QUINZENÁRIO — Avulso \$30

Caixas Sindicais de Previdência

Uma das maiores injustiças praticadas pela sociedade liberal, e de que esta nossa sociedade ainda se não redimiu completamente, era a de abandonar os velhos e os doentes a uma triste sorte.

Depois de longos anos de trabalho, muitas vezes violento e mal pago, chegava o operário à velhice sem um pedaço de pão para matar a fome. E não tinha quem o sustentasse, vestisse e tratasse, via-se obrigado a esconder a mão à generosidade alheia — mão dignificada pelo trabalho, mas que por vezes era até repelida com desprezo pelos mais afortunados, talvez por aqueles mesmos a quem ajudara a tomar rícos.

O mesmo se dava com os operários que contraíam doenças provocadas pelo exercício da profissão ou eram vítimas de acidentes de trabalho.

A todos esperava sorte igual.

Ainda hoje, para muitos operários, para a sua grande maioria, o mesmo destino os espera. Quantos e quantos não veem bater à nossa porta a pedir protecção e esmola!

Graças a Deus, muitos milhares de operários podem já levantar a cabeça, porque a organização Corporativa veio resolver o doloroso problema. Criando as Caixas Sindicais de Previdência, para as quais contribuem igualmente patrões e operários, a horrorosa miséria dos velhos e dos doentes, desaparecerá. A todos se garante, na doença e na velhice, suficiente pão e bem-estar.

Esse grande e magnífico serviço

ficam os operários e empregados vendendo ao Estado Corporativo.

Pena é que nem todos compreendem ou tenham compreendido os benefícios que os Sindicatos lhes podem trazer organizando os contratos colectivos de trabalho e, por meio destes, a sua Caixa Sindical de Previdência.

Pena é também que haja patrões que, para se não sujeitarem à contribuição que estas Caixas, uma vez organizadas, lhes virão impôr, façam tão surda e contumaz resistência à organização dos Sindicatos, levando, por vezes, a sua má vontade contra eles até ao despedimento dos operários sindicalizados.

Esta resistência ir-se-á, porém, vencendo e já poderia estar vencida, se todos os operários o quisessem. Com efeito, se todos se unissem e se cada operário se resolvesse a querer, quando o patrão inimigo do sindicalizado quisesse lutar contra ele, ou despedia todos (porque todos estavam sindicalizados) e, então, tinha de fechar as portas, ou desistia pura e simplesmente de guerrear o Sindicalizado.

A culpa, portanto, é, em grande parte vossa, por falta de união, de disciplina e de sacrifício.

E preciso lutar contra esta desunião e este egoísmo. O Sindicato Nacional poderá vir a ser a garantia do vosso trabalho e da vossa vida, se vós vos resolverdes a dar-lhe a vossa adesão e o vosso apoio.

A voz do Papa

CIDADE DO VATICANO, 9 — Durante as cerimónias da Páscoa na Basílica de S. Pedro, o Santo Padre pronunciou uma homilia que começou pela saludação que Cristo dirigiu aos Apóstolos na própria noite da sua ressurreição: «Que a paz esteja convosco». «O Redentor, proclamado Príncipe da Paz, pacifica à custa do seu sangue, o Céu e a Terra. Como disse o Apóstolo, Ele é a nossa paz. Estes invocações são bem consoladoras na hora em que, de todos os partes, se faz ouvir a mais ansiosa aspiração de paz que é, como ninguém o ignora e como Santo Agostinho o proclamou, um bem desejável acima de todos os bens. Mas — prosseguiu o Santo Padre — hoje também se verifica o verdade das palavras de Jeremias: «Exclamava-se Paz, Paz, mas não havia Paz». É o que sucede hoje no mundo.

O sentimento da agitação e do descontentamento trabalho os espíritos, como se se estivesse na véspera dos piores dias. Na verdade, não pode haver «tranquilidade e ordem», o que constitui precisamente a Paz, quando os filhos das mesmas terras estão divididos pelas lutas ardentes dos partidos e quando tanta gente não tem trabalho nem o suficiente para viver, o que se torna prático de doutrinas e organizações subversivas.

Não pode haver paz — disse — se intellectualmente mesmo entre as nações falta aquela compreensão mútua que pode animar e conduzir os povos às vias luminosas do progresso civil e se os pactos sancionados e a palavra dada perderem aquela indispensável da confiança recíproca e, sem a qual, o desarmamento material e moral, tão desejado, se torna de dia para dia menos realizável. Qual o remédio para tantos males? — Cristo! Só Ele pode dar aquela Paz — que o Mundo não pode dar — fazendo-a penetrar primeiramente nas almas. Não foi sem motivo — continuou — que ao dirigir-vos a saludação pascal da paz lhe acrescentei imediatamente o dom inestimável do sacramento de penitência destinado a ressuscitar nas almas a graça da fonte da vida, de muito doce consolação e deste equilíbrio interno, mediante o qual — é Santo Agostinho quem no-lo ensina — «Deus manda na alma e a alma no corpo».

O fundamento da verdadeira paz — acrescentou o Sumo Pontífice — reside no conhecimento, respeito e obediência a Deus, que é o Supremo Tutor da Justiça e o Supremo Doador da Paz. A Paz e a Justiça abraçam-se neste. O fruto da Justiça é a Paz: «Opus iustitiae pax». Como, com efeito, não pode haver Paz sem Ordem, não pode haver Ordem sem Justiça. Esta exige obediência às autoridades legítimas; exige que as leis sejam ordenadas para o bem comum e observadas; exige que sejam respeitadas a liberdade e a dignidade humana e que as riquezas sejam distribuídas equitativamente.

Por outro lado — frisou — a Justiça quer que não se impeça a acção da Igreja, Senhora da Verdade, fonte da vida espiritual e beneficitora da humanidade. Mas, além da Justiça, é preciso Caridade. Se à Justiça fria e rispida se não alia, numa harmonia fraternal, a Caridade, acontece muitas vezes que os olhos estão cegos e não vêem os direitos de outrem e os ouvidos permanecem surdos à voz do equidade. A Caridade, que Jesus Cristo ensinou pela palavra e com o exemplo e que, posta em prática, reconforta os espíritos, faz suceder à concorrência, a colaboração amigável e à ovesão, a compreensão recíproca. Desta maneira, conseguir-se-á um entendimento amigável mútuo em que serão equitativamente avaliados os interesses de todos com benévola apreciação e em que ninguém se recusará a sacrificios a favor do bem superior da Família humana.

A Homilia terminou com um apêlo aos indivíduos, aos povos e aos governos, a favor dum Paz na Justiça e na Caridade e com uma oração ao Senhor para que dê os seus filhos, consolados com o Sacramento pascal, o espírito de Caridade e os una a todos com a sua bondade. — (H.)

Instantâneos

Para todo o cristão, isto é, para aquele que compreende o que vive a lei de Cristo, o que se passa pelo mundo na hora presente é extremamente doloroso.

A força a ditar leis, a força a governar os homens!

Não foi isso o que Jesus nos ensinou. Não é esta a Verdade pela qual se deixou matar.

Cristo pregou que éramos todos irmãos e que tínhamos todos obrigação de nos amar como irmãos.

Mas a voz de Cristo ninguém a quer ouvir e os homens parecem mais feras uns para os outros, do que verdadeiramente irmãos.

Pobre humanidade.

Sua Santidade Pio XII, na homilia da Páscoa, entre outras palavras de verdadeira oportunidade, proferiu estas:

«Na verdade, não pode haver tranquilidade e ordem — o que constitui precisamente a Paz — quando os filhos das mesmas terras estão divididos pelas lutas ardentes dos partidos e quando tanta gente não tem trabalho nem o suficiente para viver».

Grande e profunda verdade é esta que se esquece com tanta facilidade!

Para haver paz, tranquilidade e ordem, não são precisos canhões nem espadas. Bastaria que a todos fosse dado o suficiente para viver e cada qual cumprisse os seus deveres para com a sociedade e para com os seus semelhantes.

Triste coisa é que sejam precisamente aqueles que, podendo, nada fazem para que haja paz para todos, os que mais acirradamente se apaixonem pela manutenção da ordem à custa da força. Se a Justiça Social fosse cumprida, não haveria necessidade de assegurar a ordem pela força das armas.

A dolorosa questão do Vale do Vouga

Não temos falado mais vezes da dolorosa questão da Companhia dos Caminhos de Ferro do Vale do Vouga, porque sempre se ganha em falar muito. Propositadamente temos deixado no silêncio este assunto que nos magoa, porque reconhecemos que se tem feito muito, da parte do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, para o resolver.

Mas a situação, ao que nos informam, não pode ser resolvida só pelo I. N. T. P., pois que este não tem poder para melhorar as condições económicas daquela Companhia quasi na falência.

Realizou-se, há pouco, o Congresso dos Transportes. Pensa o Governo em resolver o problema no seu conjunto e espera apenas os elementos necessários para tanto.

Mas não queremos, contudo, deixar de dizer alguma coisa sobre o assunto, porque élo nos traz verdadeiramente preocupados, aflitos e magoados.

A Companhia, pelas razões acima expostas, paga tarde de mais ao seu pessoal, criando-lhe sérias dificuldades e embaraços para viver. Não tem dado descazo semanal, de maneira equitativa. E, porque a Liga Operária Católica muito tem trabalhado para melhorar a situação dos empregados, a sua acção não é compreendida e muitos sócios têm sido vítimas de má vontade de alguns chefes. Isto muito nos magoa. Não podemos compreender que interesse tenha a Companhia em tratar de maneira diferente a Liga Operária Católica e os seus sócios.

Não estamos, positivamente no tempo em que, para se ser mais bem tratado, seja preciso renegar a Cristo. Mas é o que está acontecendo ali, ao que parece.

É triste e doloroso!

Aqui fica o nosso protesto. Oxalá não tenhamos necessidade de voltar ao assunto e para reclamar para os nossos assinantes e para os operários católicos, ao mesmo, o mesmo tratamento que para os outros não são.

E continuaremos aguardando que o go-

“Rádio-Renascença”

A emissora católica, «Rádio-Renascença», com o fim de tornar-se uma moderna e potente estação emissora, valorizando, portanto, os seus serviços, cuja utilidade tantas vezes tem sido posta em evidência, resolveu fazer, pela lotaria de Santo António, um grande sorteio.

Mediante a aquisição de bilhetes, que, apenas, custam seis escudos, fica-se habilitado a possuir um esplêndido automóvel «Morris» (de 4 lugares), que constitui o 1.º prémio, ou uma magnífica máquina de costura «Naumann», que será o 2.º prémio. O contemplado poderá, se o preferir, receber, em vez da máquina de costura, um soberbo aparelho de T. S. F.

Para melhor garantia dos compradores de bilhetes haverá tantos 1.º e 2.º prêmios, quantas as séries vendidas.

Os pedidos de bilhetes podem ser feitos, acompanhados da respectiva importância, para «Rádio-Renascença» — rua Capelo, 5-2.º — Lisboa. Os compradores da província podem, igualmente, adquirir nos Organismos da Acção Católica das suas freguesias.

Os assinantes de «O Trabalhador» que pedirem 6 bilhetes para a Administração do jornal, receberão um bilhete gratuito, conforme o anúncio publicado noutra página.

Consultas

A aglomeração de serviço nestas últimas semanas impediu-nos de publicar esta secção.

Não se impacientem, porém, os nossos prezados amigos.

Muito em breve teremos montado um serviço para atender todas as consultas que nos forem feitas.

Esperem mais um pouco, por favor.

vério possa resolver definitivamente o problema, para que o pessoal venha a ter aquilo que lhe prometeram e que é de justiça e de direito conceder-lhe.

“O TRABALHADOR”

No próximo número, entra no seu 5.º aniversário o nosso querido jornal.

Infelizmente ainda faltam mil assinantes para chegarmos aos 10.000 e, como o prometido só é devido realizada que seja a condição imposta para a promessa, ainda não sai diferente o jornal, no dia 1.º de Maio.

Temos, porém, todas as esperanças de que, até ao fim do ano de 1939, tenhamos atingido e até ultrapassado os 10.000.

Nessa altura o jornal aparecerá com outra cara, mais forte, mais robusto e mais bonito até.

E não fica mal que o ano de 1940, ano em que Portugal se veste de galas para festejar o 8.º centenário da sua existência, fique também a marcar para «O Trabalhador» e para o resgate do Mundo do Trabalho uma nova era e uma vida nova.

Até lá, toca todos a trabalhar para que os 10.000 sejam um facto, pelo menos em Dezembro de 1939.

Acidentes de trabalho

No dia 29 do passado mês de Março, deu-se um grave acidente de trabalho na Mina de S. Domingos. Quando os operários António Cavaco, José Vilão, João Miguel e Manuel Ludovina andavam a trabalhar num poço, em cima dum andaime, caiu uma das tábuas do mesmo, o que arrastou a queda das outras, e com elas, a dos referidos operários. A queda foi de 30 metros de altura, tendo falecido logo o operário Manuel Ludovina, ficando os outros em estado grave.

A notícia do acidente causou profunda consternação no meio mineiro, onde se conhece a dramática vida do mineiro.

Que o Senhor dê o eterno descanso ao camarada morto.

E a todos os operários chamamos a atenção para o cuidado que devem ter no trabalho.

Um dos nossos cuidados permanentes deve ser o de evitar tais desgraças, usando de toda a prudência e só trabalhando com toda a segurança.

O trabalho e a n

Vários vezes temos feito tendência, aliás natural, de homem pela máquina. Da mais to talvez, menos magada por

Mas a máquina foi feita homem e não para escravizá-lo. E nunca se deve perder de vista fundamental, se queremos nem a consciência da sua

Sempre que a máquina se operário a espalhar o fome, e a miséria, não é o progresso, mas o egoísmo que imp

A máquina deve servir por humanidade. O seu uso só se medida em que vem trazer mais tempo livre, mais alegria

Foi este o crime do lib-pretendendo defender a sua gativa do homem — a sua o escravizou à máquina e a

Nós não concordamos e concordar.

O homem vale mais do que